ISSN: 2675-7222

SAS
South American Sciences

AUMENTO DA INCIDÊNCIA DE ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL EM ADULTOS JOVENS: FATORES ASSOCIADOS

INCREASED INCIDENCE OF STROKE IN YOUNG ADULTS: ASSOCIATED FACTORS

https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-315

Submetido em: 10/11/2026 e Publicado em: 13/11/2026

SAS: e26544

Joyce Araújo Dutra
Graduanda em Fisioterapia
Centro Universitário de Patos - UNIFIP
E-mail: joycearaujod@icloud.com

Samara Campos de Assis
Mestre em Ciências da Saúde
Centro Universitário de Patos - UNIFIP
E-mail: samaraassis@fiponline.edu.br

Rosângela Maria Fernandes de Oliveira
Mestre em Ciências da Saúde
Centro Universitário de Patos - UNIFIP
E-mail: rosangelaoliveira@fiponline.edu.br

Ana Cláudia Ramos Silveira
Especialista em Saúde Pública
Centro Universitário de Patos - UNIFIP
E-mail: anasilva2@fiponline.edu.br

Resumo

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é uma das principais causas de mortalidade e incapacidade no mundo, com impactos significativos na qualidade de vida. O aumento de sua ocorrência em adultos jovens representa um importante problema de saúde pública, devido às repercussões sociais, econômicas e funcionais. Este estudo teve como objetivo analisar a ocorrência de AVC em adultos jovens e os fatores associados, considerando aspectos clínicos, comportamentais e epidemiológicos. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva, documental, observacional e retrospectiva, realizada por meio de dados secundários do DataSUS, referentes ao estado da Paraíba, no período de 2020 a 2025. Foram incluídos registros relacionados à ocorrência de AVC, aos fatores de risco e aos indicadores de morbimortalidade, excluindo-se aqueles fora do período estabelecido ou sem relação com a temática. O desfecho primário consistiu na análise da ocorrência de AVC, com ênfase nos indicadores de internação e mortalidade. No período analisado, foram registradas 19.150 internações e 3.461 óbitos por AVC na Paraíba. Observou-se aumento das internações ao longo dos anos, enquanto os óbitos apresentaram oscilações, com maior frequência em

2024. Houve discreto predomínio masculino nas internações e feminino nos óbitos. A população parda apresentou maior frequência em ambos os indicadores, considerando possíveis limitações no preenchimento dos registros. Os resultados reforçam a relevância do AVC como problema de saúde pública e evidenciam a necessidade de fortalecer ações preventivas, diagnóstico precoce, atendimento oportuno e monitoramento epidemiológico, contribuindo para o planejamento das políticas de saúde e a redução da morbimortalidade.

Palavras-chave: Adultos; AVC; Fatores; Jovens.

Abstract

Stroke (cerebrovascular accident, or CVA) is a leading cause of mortality and disability worldwide, with significant impacts on quality of life. Its increasing incidence among young adults represents a major public health concern, given the associated social, economic, and functional repercussions. This study aimed to analyze the occurrence of stroke in young adults and its associated factors, considering clinical, behavioral, and epidemiological aspects. It is a quantitative, descriptive, documentary, observational, and retrospective study, based on secondary data from DataSUS for the state of Paraíba, covering the period from 2020 to 2025. The study included records related to stroke incidence, risk factors, and morbidity and mortality indicators, while excluding records outside the specified timeframe or unrelated to the research topic. The primary outcome was the analysis of stroke occurrence, with a focus on hospitalization and mortality indicators. During the analyzed period, 19,150 hospitalizations and 3,461 deaths due to stroke were recorded in Paraíba. An increase in hospitalizations was observed over the years, while mortality figures fluctuated, peaking in 2024. There was a slight male predominance in hospitalizations and a female predominance in deaths. The *pardo* (mixed-race/brown) population showed the highest frequency for both indicators, though potential limitations in the completion of these records should be considered. These findings underscore the significance of stroke as a public health issue and highlight the need to strengthen preventive measures, early diagnosis, timely care, and epidemiological monitoring—all of which are essential for health policy planning and the reduction of morbidity and mortality.

Keywords: Adults; AVC; Factors; Young people.

1 INTRODUÇÃO

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) constitui um importante problema de saúde pública devido à elevada morbimortalidade e ao potencial de gerar incapacidades físicas, cognitivas e funcionais. Caracteriza-se por uma alteração súbita do fluxo sanguíneo cerebral, podendo ocorrer por obstrução de um

vaso, denominada acidente vascular cerebral isquêmico, ou por ruptura vascular, caracterizando o acidente vascular cerebral hemorrágico. Além do impacto sobre a sobrevivência, o AVC pode comprometer significativamente a independência funcional e a qualidade de vida dos indivíduos acometidos, tornando necessária a atuação de uma equipe multiprofissional, incluindo a fisioterapia, no processo de recuperação e reabilitação (Brasil, 2024).

O AVC em adultos jovens, frequentemente considerado na faixa etária de 15 a 49 anos, apresenta particularidades epidemiológicas e pode resultar da interação entre diferentes fatores de risco. Embora as causas do AVC nessa população possam apresentar diferenças em relação aos indivíduos de maior idade, fatores de risco cardiovasculares tradicionais continuam desempenhando papel relevante em sua ocorrência. Entre os principais fatores associados destacam-se a hipertensão arterial sistêmica, o tabagismo, o diabetes mellitus, as alterações nos níveis de lipídios sanguíneos e o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, condições que podem contribuir para o desenvolvimento de alterações vasculares e aumentar a probabilidade de ocorrência do evento cerebrovascular (Albuquerque et al., 2020).

Entre os principais fatores associados ao desenvolvimento do AVC encontram-se a hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus, dislipidemias, tabagismo, obesidade, sedentarismo, consumo excessivo de álcool, doenças cardiovasculares e determinados fatores genéticos e familiares. O Ministério da Saúde também destaca a influência de fatores comportamentais e metabólicos, muitos dos quais são potencialmente modificáveis por meio de mudanças no estilo de vida e de estratégias de prevenção e acompanhamento em saúde (Brasil, 2024).

As consequências AVC podem persistir após a fase hospitalar, comprometendo a realização das atividades cotidianas e a independência funcional dos indivíduos acometidos. No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde evidenciaram que 50,2% das pessoas que relataram histórico de AVC apresentavam limitações nas atividades diárias. Apesar da necessidade de cuidados de reabilitação, apenas 24,6% dos indivíduos avaliados relataram acesso a esse tipo de atendimento, enquanto 73,4% daqueles que apresentavam limitações nas atividades não haviam recebido tratamento fisioterapêutico. Esses achados reforçam a importância da fisioterapia no processo de reabilitação e evidenciam a necessidade de ampliar o acesso aos serviços destinados à recuperação funcional após o AVC (Silva et al., 2024).

Para a fisioterapia, compreender o aumento da ocorrência de AVC entre adultos jovens é particularmente relevante, considerando que o comprometimento funcional nessa população pode repercutir sobre atividades profissionais, acadêmicas, familiares e sociais. Diferentemente dos indivíduos idosos, os adultos jovens frequentemente se encontram em uma fase de elevada participação produtiva e social, de modo que as sequelas decorrentes do AVC podem representar impactos prolongados sobre sua autonomia e qualidade de vida. Assim, a identificação dos fatores associados à ocorrência do AVC nessa população pode contribuir para o fortalecimento de estratégias preventivas, para o reconhecimento precoce

dos fatores de risco e para o planejamento de intervenções de reabilitação mais adequadas às necessidades dessa faixa etária (Minelli et al., 2022).

Diante desse cenário, torna-se pertinente investigar o aumento da incidência de acidente vascular cerebral em adultos jovens e os principais fatores associados a esse fenômeno. Dessa forma, o presente estudo busca analisar os fatores associados ao aumento da incidência de Acidente Vascular Cerebral (AVC) em adultos jovens, destacando aspectos clínicos, comportamentais e epidemiológicos relacionados ao desenvolvimento dessa condição.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO E LOCAL DA PESQUISA

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa quantitativa, descritiva e documental, de caráter observacional e retrospectivo, a qual foi realizada por meio da análise de dados secundários do estado da Paraíba disponibilizados pelo Sistema de Informações em Saúde do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS).

2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O estudo buscou analisar a incidência de acidente vascular cerebral (AVC) em adultos jovens e os fatores associados à sua ocorrência no período de 2020 a 2025, com enfoque na etiologia, nos fatores de risco e nos indicadores de morbimortalidade dessa população.

Foram excluídos dados fora do período estabelecido e dos demais estados brasileiros, bem como aqueles que não abordaram diretamente a temática proposta ou que não forneceram informações relevantes para os objetivos da pesquisa. Dessa forma, foram desconsiderados dados com mais de cinco anos de publicação.

2.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio da análise de dados secundários disponibilizados pelo Sistema de Informações em Saúde do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS), uma plataforma pública que reúne informações epidemiológicas, demográficas e assistenciais da população brasileira.

Inicialmente, foi efetuado o acesso às bases de dados do DataSUS para a identificação e seleção dos registros relacionados aos casos de acidente vascular cerebral (AVC) em adultos jovens, no período compreendido entre 2020 e 2025. Foram coletadas informações referentes ao número de casos, faixa etária, sexo, local de residência, internações, óbitos e demais variáveis disponíveis que contribuíram para a análise dos fatores associados à ocorrência da doença.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a extração dos dados, foi realizada a organização das informações em planilhas eletrônicas, possibilitando a tabulação, categorização e análise dos indicadores selecionados. Em seguida, os dados foram submetidos à análise descritiva, visando identificar o perfil epidemiológico dos indivíduos acometidos, bem como os principais fatores de risco, a etiologia e os indicadores de morbimortalidade relacionados ao AVC em adultos jovens.

Por se tratar de uma pesquisa baseada em dados secundários de domínio público, sem identificação individual dos participantes, não teve contato direto com seres humanos, garantindo-se o sigilo e a confidencialidade das informações disponibilizadas pelo sistema.

Após a coleta, os dados foram submetidos à análise descritiva, sendo organizados e tabulados no software Microsoft Excel. Posteriormente, foram elaborados gráficos e tabelas para facilitar a interpretação dos resultados e a identificação dos principais fatores associados à incidência de acidente vascular cerebral (AVC) em adultos jovens.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 evidencia que, no período de 2020 a 2025, foram registradas 2.451 internações hospitalares por acidente vascular cerebral (AVC) entre adultos jovens no estado da Paraíba. Quanto ao sexo, observou-se uma discreta predominância de internações entre as mulheres, com 1.231 casos (50,2%), em comparação aos homens, que apresentaram 1.220 casos (49,8%). Em relação à distribuição etária, a maior concentração de internações foi observada entre indivíduos de 40 a 49 anos, com 1.607 casos, correspondendo à faixa etária de maior ocorrência no período analisado.

Esse achado reforça a relevância do AVC como importante problema de saúde pública, inclusive entre indivíduos em faixas etárias mais jovens. Embora a ocorrência do AVC esteja associada ao avanço da idade, a doença também pode acometer adultos jovens, estando relacionada a fatores de risco como hipertensão arterial, diabetes, tabagismo, consumo excessivo de álcool, sedentarismo, obesidade e alterações do colesterol (Brasil, 2025). O Ministério da Saúde destaca ainda que, embora a incidência do AVC aumente significativamente com a idade, uma parcela expressiva dos eventos ocorre antes dos 70 anos, evidenciando a importância da identificação e do controle dos fatores de risco ao longo da vida.

A discreta predominância feminina observada nesta análise deve ser interpretada considerando as características específicas da população estudada e do período analisado, não sendo suficiente, isoladamente, para estabelecer uma maior ocorrência do AVC entre mulheres. Estudos e diretrizes apontam que a distribuição da doença segundo o sexo pode variar conforme a idade, uma vez que as mulheres apresentam maior incidência em idades mais avançadas, entre outros fatores, em razão da maior expectativa de vida.

Tabela 1 – Número de internações de adultos jovens devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.

Faixa etária	Masc	Fem	Total
15 a 19 anos	20	29	49
20 a 29 anos	108	127	235
30 a 39 anos	267	293	560
40 a 49 anos	825	782	1607
Total	1220	1231	2451

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos óbitos por acidente vascular cerebral (AVC) entre adultos jovens, segundo faixa etária e sexo, no estado da Paraíba, no período de 2020 a 2025. No período analisado, foram registrados 320 óbitos, sendo 173 (54,1%) entre indivíduos do sexo masculino e 147 (45,9%) entre indivíduos do sexo feminino. Observa-se, portanto, maior frequência de óbitos no sexo masculino na população estudada.

Em relação à faixa etária, verificou-se maior concentração de óbitos entre os indivíduos de 40 a 49 anos, com 224 casos (70,0%), sendo 116 do sexo masculino e 108 do sexo feminino. Na sequência, a faixa de 30 a 39 anos apresentou 61 óbitos (19,1%), enquanto entre 20 e 29 anos foram registrados 30 óbitos (9,4%). A menor frequência foi observada entre os indivíduos de 15 a 19 anos, com apenas 5 óbitos (1,6%). Esses resultados demonstram uma concentração expressiva dos óbitos por AVC entre os adultos jovens pertencentes à faixa etária de 40 a 49 anos.

A ocorrência do AVC em indivíduos jovens merece atenção, uma vez que, embora a idade seja um importante fator associado às doenças cerebrovasculares, esses eventos também podem ocorrer em pessoas em idade produtiva. Estudo realizado no Brasil com pacientes de 15 a 49 anos identificou a presença de fatores de risco aterotrombóticos em parcela importante dos casos, destacando-se a hipertensão arterial sistêmica entre os principais fatores associados ao AVC hemorrágico. Os autores ressaltam ainda a importância da prevenção e da identificação precoce dos fatores de risco nessa população (Zétola et al., 2001).

Tabela 2 – Número de óbitos de adultos jovens devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.

Faixa etária	Masc	Fem	Total
15 a 19 anos	3	2	5
20 a 29 anos	14	16	30
30 a 39 anos	40	21	61
40 a 49 anos	116	108	224
Total	173	147	320

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

O Gráfico 1 apresenta a distribuição das internações hospitalares por acidente vascular cerebral (AVC), segundo faixa etária, no estado da Paraíba, entre 2020 e 2025. No período analisado, foram registradas 2.451 internações entre adultos jovens. Observa-se uma tendência de aumento no número total

de internações ao longo dos primeiros anos, passando de 336 casos em 2020 para 477 em 2023, seguido por uma redução para 458 casos em 2024 e 435 em 2025.

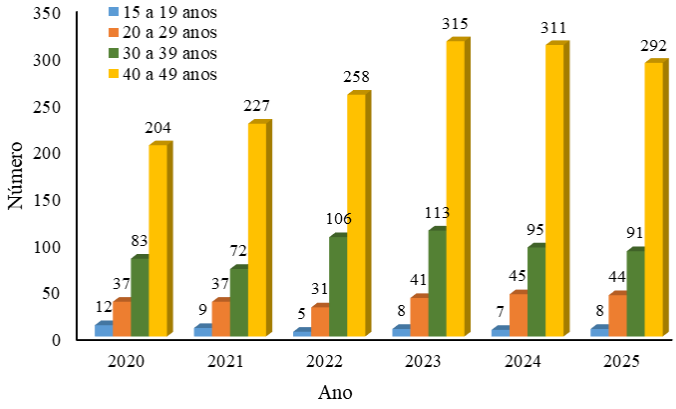
Em relação à faixa etária, verificou-se predominância das internações entre indivíduos de 40 a 49 anos, que apresentaram o maior número de registros em todos os anos analisados. Nessa faixa, foram contabilizadas 1.607 internações, correspondendo a aproximadamente 65,6% do total. A segunda maior frequência foi observada entre os indivíduos de 30 a 39 anos, com 560 internações (22,8%), seguida pela faixa de 20 a 29 anos, com 235 casos (9,6%). Já a faixa de 15 a 19 anos apresentou a menor frequência, totalizando 49 internações (2,0%).

A concentração das internações na faixa de 40 a 49 anos demonstra que, dentro da população considerada adulta jovem neste estudo, os eventos cerebrovasculares apresentaram maior ocorrência entre os indivíduos mais próximos do limite superior da faixa etária analisada. Esse resultado é relevante porque o AVC, embora seja mais frequente com o avanço da idade, também constitui importante problema de saúde entre adultos jovens. Em estudo brasileiro realizado em Joinville, envolvendo a população com idade inferior a 45 anos, pesquisadores identificaram aumento significativo da incidência de AVC ao longo de dez anos, particularmente para os eventos isquêmicos, reforçando a importância da investigação epidemiológica e da prevenção cardiovascular nessa população (Cabral et al., 2017).

Além disso, Zétola et al. (2001), em estudo brasileiro com 164 pacientes que apresentaram primeiro episódio de AVC entre 15 e 49 anos, observaram a presença de fatores de risco potencialmente modificáveis, destacando-se hipertensão arterial, tabagismo, hipercolesterolemia, alcoolismo e diabetes mellitus. Os autores ressaltam a importância da prevenção e da detecção precoce desses fatores entre adultos jovens.

Dessa forma, os dados encontrados na Paraíba evidenciam uma importante concentração das internações por AVC na faixa etária de 40 a 49 anos, indicando a necessidade de atenção aos fatores de risco cerebrovasculares também entre indivíduos em idade produtiva.

Gráfico 1 – Número de internações por faixa etária devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

A distribuição dos óbitos segundo faixa etária, no período de 2020 a 2025, demonstra importante concentração dos registros entre indivíduos de 40 a 49 anos. Nesse grupo, foram contabilizados 224 óbitos, correspondendo ao maior número absoluto observado entre as faixas etárias analisadas. Em seguida, destacam-se os grupos de 30 a 39 anos, com 61 óbitos, de 20 a 29 anos, com 30 óbitos, e de 15 a 19 anos, com cinco registros (Gráfico 2).

A predominância dos óbitos entre adultos de 40 a 49 anos merece atenção, sobretudo por se tratar de uma faixa etária economicamente ativa. A análise da mortalidade por idade constitui importante estratégia para caracterizar o perfil epidemiológico de uma população, uma vez que a ocorrência de óbitos pode apresentar padrões distintos conforme o grupo etário. Nesse sentido, Malta et al. (2021), ao analisarem a mortalidade de adolescentes e adultos jovens no Brasil, evidenciaram diferenças nos padrões de mortalidade segundo idade, sexo, região e causas de morte, reforçando a importância da estratificação dos indicadores por grupos populacionais.

No presente estudo, observa-se ainda uma variação temporal importante entre 2020 e 2025. Na faixa de 40 a 49 anos, os registros aumentaram de 24 óbitos em 2020 para 55 em 2024, representando crescimento expressivo no período, seguido de redução para 37 óbitos em 2025. Embora tenha ocorrido essa diminuição no último ano analisado, o número permaneceu superior ao observado em 2020 e 2021. Entre os indivíduos de 30 a 39 anos também foram observadas oscilações, com maior número de registros em 2022, quando foram contabilizados 15 óbitos.

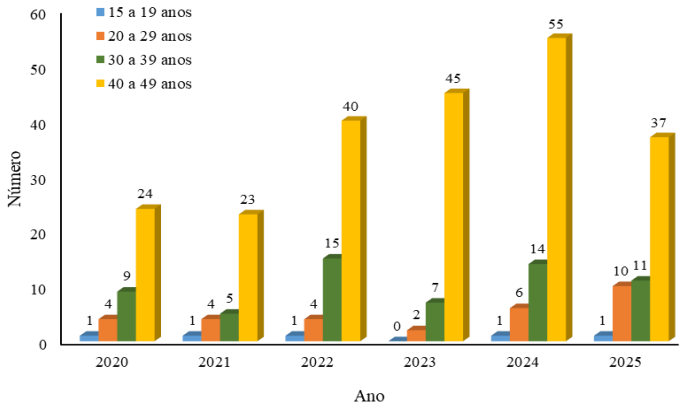
Nas faixas mais jovens, os quantitativos foram consideravelmente menores. Entre indivíduos de 15 a 19 anos, foram registrados apenas cinco óbitos durante todo o período, enquanto entre aqueles de 20 a 29 anos foram contabilizados 30. Esses resultados podem ser discutidos em conjunto com estudos nacionais que demonstram a existência de padrões diferenciados de mortalidade entre adolescentes, adultos jovens e demais grupos etários. Entretanto, a interpretação das diferenças observadas deve considerar a população de referência de cada faixa etária.

É importante destacar que os resultados apresentados correspondem a números absolutos de óbitos. Portanto, a maior frequência observada entre indivíduos de 40 a 49 anos não significa necessariamente que esse grupo apresente maior risco de morte. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a comparação adequada da mortalidade entre grupos etários deve considerar as respectivas taxas específicas de mortalidade, calculadas a partir do número de óbitos e da população exposta ao risco. Dessa forma, recomenda-se, para análises posteriores, o cálculo das taxas de mortalidade específicas por faixa etária, permitindo uma interpretação epidemiológica mais precisa dos resultados.

Assim, evidencia-se uma concentração dos óbitos na faixa etária de 40 a 49 anos e uma tendência de oscilação dos registros ao longo do período analisado. A incorporação da variável idade à análise

contribui para a caracterização do perfil epidemiológico dos óbitos e pode subsidiar a identificação de grupos que demandem maior atenção no planejamento de ações de prevenção e redução da mortalidade.

Gráfico 2 – Número de óbitos por faixa etária devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

No período analisado, foram registradas 19.150 internações, sendo 9.949 (51,9%) entre pessoas do sexo masculino e 9.201 (48,1%) entre pessoas do sexo feminino. Dessa forma, observa-se discreta predominância das internações entre os homens, que representaram aproximadamente 52% do total de hospitalizações (Gráfico 3).

Ao analisar a evolução temporal, verifica-se tendência de aumento no número total de internações por AVC ao longo da série. Em 2020 foram registradas 2.385 internações, passando para 2.978 em 2021 e 3.024 em 2022. Em 2023, foram contabilizadas 3.632 internações, enquanto em 2024 foram registradas 3.425. Em 2025, observou-se o maior número da série, com 3.706 internações. Comparando-se 2020 com 2025, houve aumento de aproximadamente 55,4% no número absoluto de internações.

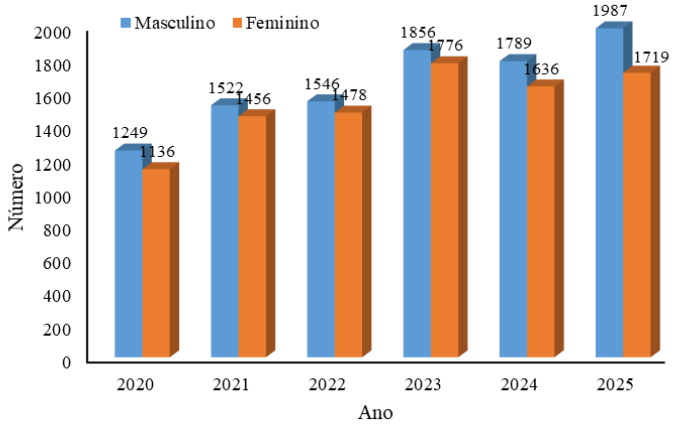
Entre os homens, foram registradas 1.249 internações em 2020, aumentando para 1.522 em 2021, 1.546 em 2022, 1.856 em 2023, 1.789 em 2024 e 1.987 em 2025. Entre as mulheres, foram observadas 1.136 internações em 2020, 1.456 em 2021, 1.478 em 2022, 1.776 em 2023, 1.636 em 2024 e 1.719 em 2025. Portanto, embora ambos os sexos tenham apresentado aumento no número absoluto de hospitalizações ao longo do período, os homens permaneceram com quantitativos superiores aos das mulheres em todos os anos analisados.

Os resultados encontrados são compatíveis com evidências da literatura brasileira que demonstram diferenças na distribuição das doenças cerebrovasculares segundo sexo. Estudo realizado com dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) analisou as hospitalizações, a mortalidade e os custos relacionados às doenças cerebrovasculares no Brasil entre 2017 e 2022. Os autores observaram diferenças nas taxas de internação

segundo sexo, faixa etária e região do país, destacando a importância da análise das características sociodemográficas na compreensão do perfil epidemiológico das doenças cerebrovasculares (Fernandes et al., 2025).

De modo geral, os resultados demonstram aumento do número absoluto de internações por AVC entre 2020 e 2025, com predominância das hospitalizações entre os homens. A elevação observada ao longo da série reforça a relevância epidemiológica do AVC e a necessidade de estratégias voltadas à prevenção, ao reconhecimento precoce dos sinais e sintomas e ao atendimento oportuno dos indivíduos acometidos.

Gráfico 3 – Número de internações por gênero devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

A análise dos óbitos por acidente vascular cerebral (AVC), segundo sexo, no período de 2020 a 2025, demonstra a ocorrência de 3.461 óbitos, sendo 1.700 (49,1%) entre indivíduos do sexo masculino e 1.761 (50,9%) entre indivíduos do sexo feminino (Gráfico 4). Observa-se, portanto, discreta predominância dos óbitos entre as mulheres no conjunto do período analisado.

Ao considerar a distribuição anual, foram registrados 480 óbitos em 2020, dos quais 230 ocorreram entre homens e 250 entre mulheres. Em 2021, verificou-se redução do número total para 454 óbitos, correspondendo a 218 óbitos masculinos e 236 femininos. A partir de 2022, observa-se aumento progressivo dos registros, com 565 óbitos nesse ano, 621 em 2023 e 696 em 2024. Em 2025, foram contabilizados 645 óbitos. Dessa forma, entre 2020 e 2024 houve aumento de aproximadamente 45,0% no número absoluto de óbitos, seguido por uma redução de aproximadamente 7,3% em 2025 em relação ao ano anterior.

Quanto à distribuição segundo sexo, as mulheres apresentaram número de óbitos superior ao dos homens em 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024. Em 2025, entretanto, ocorreu uma inversão desse padrão, com 333 óbitos entre os homens e 312 entre as mulheres. A maior diferença entre os sexos foi observada em 2024, quando foram registrados 360 óbitos femininos e 336 masculinos.

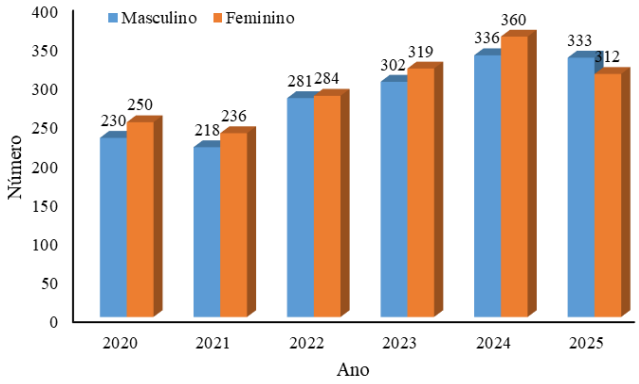
Os resultados encontram correspondência com evidências da literatura brasileira. Em estudo sobre a mortalidade cerebrovascular nas capitais brasileiras entre 2000 e 2019, Passos et al. (2023) observaram predominância do sexo feminino entre os óbitos cerebrovasculares, representando 52% dos registros analisados. O mesmo estudo identificou que 77% dos óbitos ocorreram entre pessoas com 60 anos ou mais, demonstrando a importância da idade na caracterização da mortalidade por doenças cerebrovasculares (Passos et al., 2023).

De maneira semelhante, estudo nacional que analisou a mortalidade por doença cerebrovascular isquêmica e hemorrágica no Brasil entre 2000 e 2019 identificou 50,29% dos óbitos entre mulheres, resultado próximo ao observado na presente análise, na qual o sexo feminino correspondeu a 50,9% dos óbitos. Os autores também verificaram que as faixas etárias de 60 a 79 anos e de 80 anos ou mais concentraram a maior parte dos óbitos por doença cerebrovascular, reforçando a influência da estrutura etária sobre a mortalidade (Sousa et al., 2025).

No presente conjunto de dados, entretanto, observa-se aumento do número absoluto de óbitos entre 2020 e 2024, seguido de redução em 2025. Essa diferença em relação a estudos baseados em taxas de mortalidade ressalta a importância de distinguir número absoluto de óbitos de taxa de mortalidade. O aumento dos registros absolutos pode estar relacionado a mudanças no tamanho e na estrutura etária da população, entre outros fatores, não permitindo, isoladamente, afirmar que houve aumento do risco de morte por AVC.

Dessa maneira, os resultados evidenciam uma predominância discreta dos óbitos entre as mulheres no período de 2020 a 2025, acompanhada de importante elevação dos registros entre 2021 e 2024. A análise demonstra a relevância do acompanhamento temporal da mortalidade por AVC e da estratificação dos dados por sexo. Para uma avaliação epidemiológica mais precisa, recomenda-se complementar os resultados com as taxas de mortalidade específicas por sexo e faixa etária, utilizando a população correspondente como denominador.

Gráfico 4 – Número de óbitos por gênero devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

A Tabela 3 apresenta a distribuição das internações por acidente vascular cerebral (AVC), segundo cor/raça, no estado da Paraíba, no período de 2020 a 2025. No conjunto dos seis anos analisados, foram registradas 19.150 internações. Observa-se expressiva predominância da população parda, com 15.724 internações, correspondendo a aproximadamente 82,1% do total. Em seguida, encontram-se os indivíduos classificados como brancos, com 861 internações (4,5%), aqueles classificados como pretos, com 150 (0,8%), amarelos, com 232 (1,2%), e indígenas, com 18 registros (0,1%). Além disso, foram identificadas 2.165 internações sem informação sobre cor/raça, correspondendo a aproximadamente 11,3% do total.

A predominância de pessoas pardas entre as internações por AVC observada na Paraíba apresenta semelhança com resultados encontrados em estudos brasileiros. Em investigação realizada em Minas Gerais com dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), referente ao ano de 2022, foram identificadas 25.813 internações por AVC, sendo a população classificada como parda a categoria de maior frequência, correspondendo a 43,5% dos registros. O estudo também evidenciou diferenças na distribuição das internações segundo características sociodemográficas e destacou a utilização dos registros hospitalares do SUS para a caracterização epidemiológica do AVC (Santos et al., 2026).

Outro aspecto relevante diz respeito à presença de 2.165 registros sem informação de cor/raça. A incompletude dessa variável constitui uma limitação importante para a interpretação dos resultados, uma vez que pode alterar a distribuição proporcional dos casos entre os diferentes grupos.

Ao observar a evolução temporal, verifica-se aumento das internações por AVC na população parda, passando de 1.601 registros em 2020 para 3.559 em 2025. Esse crescimento acompanha, em termos gerais, a elevação do número total de internações observada no período, que passou de 2.385 para 3.706 registros. Entre os indivíduos brancos, foram registrados 156 casos em 2020, com redução para 58 em 2021 e posterior aumento para 306 em 2023, seguido de redução para 122 em 2025. As demais categorias apresentaram quantitativos absolutos menores e maior oscilação ao longo da série.

Destaca-se, ainda, a redução dos registros classificados como “sem informação” nos últimos dois anos da série. Em 2020 foram contabilizadas 417 internações nessa categoria, aumentando para 732 em 2021 e 748 em 2022. Em 2023, esse número diminuiu para 268, enquanto em 2024 e 2025 não foram registrados casos sem informação. Essa alteração na completude do preenchimento pode ter influenciado a distribuição das categorias de cor/raça ao longo da série histórica e deve ser considerada na interpretação dos resultados.

De modo geral, os dados evidenciam predominância expressiva da população parda entre as internações por AVC na Paraíba, acompanhada de crescimento do número absoluto de hospitalizações ao longo do período analisado. Entretanto, a interpretação da distribuição segundo cor/raça deve considerar tanto a composição demográfica da população paraibana quanto à qualidade e completude dos registros do

SIH/SUS. Assim, os resultados permitem caracterizar o perfil das internações, mas não são suficientes, isoladamente, para estabelecer diferenças de risco entre os grupos raciais.

Tabela 3 - Número de internações por cor/raça devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.

Ano	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Sem informação	Total
2020	156	47	1.601	160	4	417	2.385
2021	58	14	2.146	25	3	732	2.978
2022	74	24	2.169	7	2	748	3.024
2023	306	38	2.991	27	2	268	3.632
2024	145	12	3.258	7	3	-	3.425
2025	122	15	3.559	6	4	-	3.706
Total	861	150	15.724	232	18	2.165	19.150

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

A Tabela 4 apresenta a distribuição dos óbitos por acidente vascular cerebral (AVC), segundo cor/raça, no estado da Paraíba, no período de 2020 a 2025. No conjunto dos seis anos analisados, foram registrados 3.461 óbitos. A população classificada como parda apresentou a maior frequência, com 3.019 óbitos, correspondendo a aproximadamente 87,2% do total. Na sequência, foram registrados 269 óbitos sem informação de cor/raça (7,8%), 115 entre indivíduos brancos (3,3%), 30 entre amarelos (0,9%), 24 entre pretos (0,7%) e quatro entre indígenas (0,1%).

Observa-se, portanto, uma expressiva concentração dos óbitos na população parda durante todo o período analisado. Em 2020, foram registrados 370 óbitos entre pessoas pardas, passando para 358 em 2021, 445 em 2022, 548 em 2023, 672 em 2024 e 626 em 2025. Dessa forma, houve aumento importante dos registros entre 2020 e 2024, seguido de redução em 2025. Considerando o início e o final da série, o número absoluto de óbitos entre pessoas pardas aumentou de 370 para 626, correspondendo a crescimento de aproximadamente 69,2%.

Entre os indivíduos brancos, foram registrados 15 óbitos em 2020, 11 em 2021, 18 em 2022, 35 em 2023, 22 em 2024 e 14 em 2025. Entre os indivíduos pretos, foram observados 4 óbitos em 2020, dois em 2021, oito em 2022, sete em 2023, um em 2024 e dois em 2025. As categorias amarela e indígena apresentaram frequências absolutas reduzidas ao longo da série, com 30 e quatro óbitos no período, respectivamente.

Um aspecto relevante é a redução dos registros classificados como “sem informação”. Em 2020 foram contabilizados 65 óbitos nessa categoria, aumentando para 79 em 2021 e 94 em 2022. Em 2023, esse número diminuiu para 31, enquanto em 2024 e 2025 não foram registrados óbitos sem informação sobre cor/raça. Essa melhora na completude do preenchimento é relevante para a caracterização epidemiológica

dos óbitos segundo cor/raça, uma vez que informações incompletas podem dificultar a interpretação da distribuição dos eventos.

Os achados podem ser relacionados aos resultados de Lotufo e Bensenor (2013), que analisaram a mortalidade cerebrovascular segundo raça/cor no Brasil a partir de dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade. Os autores identificaram diferenças importantes nas taxas de mortalidade cerebrovascular entre brancos, pardos e negros, observando taxas mais elevadas entre a população negra, seguida pela população parda e pela população branca. Entre as mulheres, por exemplo, as taxas foram de 29,0 óbitos por 100 mil habitantes entre brancas, 33,7 entre pardas e 51,0 entre negras. Os autores ressaltam, ainda, que diferenças na prevalência da hipertensão arterial e em condições socioeconômicas podem contribuir para as desigualdades observadas na mortalidade cerebrovascular.

A predominância dos óbitos entre pessoas pardas observada nesta pesquisa também deve ser interpretada considerando a composição demográfica da população da Paraíba. Assim, o fato de a categoria parda concentrar 87,2% dos óbitos não permite afirmar, por si só, que indivíduos pardos apresentam maior risco de morrer por AVC. Para realizar essa comparação, seria necessário calcular taxas de mortalidade específicas por cor/raça, utilizando como denominador a população correspondente a cada categoria.

De modo geral, os resultados da presente análise evidenciam predominância expressiva de óbitos por AVC entre indivíduos classificados como pardos na Paraíba, além de importante aumento dos registros nessa categoria entre 2020 e 2024. A redução observada em 2025 deve ser acompanhada em séries temporais posteriores para verificar se representa uma alteração pontual ou uma mudança no comportamento da mortalidade. A análise segundo cor/raça contribui para a caracterização do perfil epidemiológico dos óbitos e pode auxiliar na identificação de desigualdades em saúde. Contudo, a interpretação deve considerar a composição populacional, a qualidade dos registros e, sobretudo, as taxas de mortalidade específicas, evitando conclusões baseadas exclusivamente em números absolutos.

Tabela 4 - Número de óbitos por cor/raça devido ao AVC no estado da Paraíba no período de 2020 a 2025.

Ano	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Sem informação	Total
2020	15	4	370	25	1	65	480
2021	11	2	358	3	1	79	454
2022	18	8	445	-	-	94	565
2023	35	7	548	-	-	31	621
2024	22	1	672	1	-	-	696
2025	14	2	626	1	2	-	645
Total	115	24	3.019	30	4	269	3.461

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS).

4 CONCLUSÃO

O acidente vascular cerebral (AVC) configura-se como um relevante problema de saúde pública, demandando o fortalecimento de estratégias de prevenção e controle dos fatores de risco, bem como a ampliação do acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento oportuno. Nesse sentido, a implementação de ações integradas de promoção da saúde e de assistência qualificada constitui uma medida fundamental para minimizar os impactos da doença e reduzir sua morbimortalidade.

Ademais, o monitoramento sistemático dos indicadores epidemiológicos representa um instrumento essencial para subsidiar o planejamento, a implementação e a avaliação de políticas públicas de saúde. Dessa forma, o aprimoramento das estratégias de prevenção, vigilância e assistência ao AVC pode contribuir para a redução dos desfechos desfavoráveis e para a melhoria das condições de saúde da população paraibana.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. S. et al. Fatores de risco para acidente vascular encefálico em jovens: Uma comparação entre homens e mulheres. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e824986503, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019**: fatores de risco para doenças crônicas no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acidente Vascular Cerebral (AVC)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.

CABRAL, N. L. et al. Increase of Stroke Incidence in Young Adults in a Middle-Income Country: A 10-Year Population-Based Study. **Stroke**, v. 48, n. 11, p. 2925-2930, 2017.

FERNANDES, B. D. et al. Impacto econômico, mortalidade e incidência de internações hospitalares por doenças cerebrovasculares no Brasil de 2017 a 2022: uma perspectiva do Sistema Único de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 59, 2025.

LOTUFO, P. A.; BENSENOR, I. J. M. Raça e mortalidade cerebrovascular no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 6, p. 1201-1204, 2013.

MALTA, D. C. et al. Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, 2021.

MINELLI, C. et al. Diretrizes práticas da Academia Brasileira de Neurologia para reabilitação de AVC: parte I. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 80, n. 6, p. 634-652, 2022.

SANTOS, A. C. J. et al. Internações por acidente vascular cerebral e sua relação com a doença de Chagas: estudo analítico de base populacional com dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde, Minas Gerais, 2022. **Epidemiol Serv Saude**, v. 35, e20240901, 2026.

SILVA, L. K. C. et al. Acidente vascular encefálico no Brasil: prevalência, limitação de atividades, acesso à saúde e tratamento fisioterapêutico. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 82, n. 12, 2024.

SOUZA, A. R. M. et al. Doença cerebrovascular isquêmica e hemorrágica no Brasil: tendência de mortalidade e correlação com indicadores socioeconômicos em 20 anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, supl. 2, 2025.

ZÉTOLA, V. H. F. et al. Acidente vascular cerebral em pacientes jovens: análise de 164 casos. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 59, n. 3, p. 740-745, 2001.